

POESIA E RESISTÊNCIA: DOIS CAMINHOS QUE SE CRUZAM NA ESCRITA DE AGOSTINHO NETO

Celiomar Porfírio Ramos (UFMT)¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo realiza algumas considerações acerca da escrita de Agostinho Neto e sobre a intersecção entre poesia e resistência. Sua produção, assim como sua vida, é marcada pela luta contra o colonizador. O poeta utiliza a poesia enquanto instrumento de luta em prol da libertação de Angola e, ao mesmo tempo, como instrumento de conscientização do povo angolano. O trabalho foi estruturado sob a hipótese de que a poesia é tomada como um instrumento de combate e visa motivar a população angolana a lutar contra o processo colonial e requerer a construção de uma identidade nacional. Além disso, visa denunciar as atrocidades do colonizador e propagar esperança de dias melhores.

Palavras-chave: Agostinho Neto; Resistência; Poesia; Engajamento.

Aqui trataremos da literatura tomada como um instrumento capaz de alterar, reorganizar e revolucionar a ordem social vigente. Um dos poetas que envereda por tal caminho é o angolano Agostinho Neto. Esse poeta faz parte de forma extremamente relevante no cenário histórico, político e literário do seu país com ímpeto revolucionário e como sede de transformação.


Há na voz do poeta Agostinho Neto o desejo de incitação ao povo negro, sobretudo o povo angolano para que ele se torne sujeito de sua história.

Considerando o fato de que estamos estudando a escrita enquanto arma de luta, podemos entender que estamos tratando de um texto literário engajado. Sendo assim, somos levados a buscar algumas reflexões acerca da literatura engajada.

Parece-nos pouco coerente dizer que existe uma dicotomia entre literatura engajada e literatura não engajada; entre escritores compromissados com a sociedade e escritores descompromissados. Acreditamos que, em certa medida, todo escritor encontra-se comprometido socialmente, alguns mais e outros menos; alguns de maneira consciente e outros inconscientemente.

Guimarães (2010, p. 91) afirma que “[...] hoje está claro que o escritor deve deixar de fazer ‘literatura por literatura’, como se fazia no século XIX”. Não pretendemos afirmar que esteja extinta a literatura pela literatura, apenas temos como finalidade, com base no autor acima citado, demonstrar que o poeta deve comprometer-se com o seu tempo.

¹ Graduado em Letras – habilitação em Língua Portuguesa e suas literaturas (UFMT); Letras – habilitação em língua inglesa e respectivas literaturas (UFMT); Bacharel em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo (UFMT); Mestre em estudos de Linguagem (UFMT). Contato: celiomarramos@gmail.com



Guimarães (2010, p. 94) ainda tratando sobre o tema, compreende que se fosse possível definir com apenas um vocábulo o que cabe ao escritor engajado seria incomodar. A escrita engajada tem a finalidade de perturbar e, conseqüentemente, desvelar à sociedade a realidade que ela insiste em ignorar.

Sendo assim, podemos afirmar que o autor engajado possui papel extremamente importante na sociedade em que está inserido, pois busca trazer à luz situações de alienação do povo. Por alienação entendemos, com base em, Abdala Junior e Paschoalin (1990), citados por Ferreira e Moraes (2013, p. 4) como “[...] o roubo ao indivíduo de características, atributos ou direitos que lhes são próprios.”

O escritor ao escrever uma literatura engajada tendo consciência e intenção desse ato, busca realizar uma revolução e lutar pela liberdade dos oprimidos. Essa literatura tem por objetivo abalar as estruturas sociais, pois coloca a massa não apenas para refletir e chegar a uma conclusão, mas impulsiona a sociedade à mudança em busca de libertar-se dos opressores.

Agostinho Neto foi poeta, intelectual e político engajado com as causas sociais de seu país em prol da libertação nacional. Entendemos que as ações de Agostinho Neto tanto em sua ideologia política, como escritor e como intelectual estão interligadas em um mesmo objetivo: a libertação nacional e a luta contra o colonizador.

Entendemos que Agostinho Neto, assim como propôs Fanon (2008, p. 15), tem como objetivo “transformar o negro em um ser *de ação*.” (grifos do autor), ou seja, tornar o colonizado um ser ativo que luta em função de um ideal.

Parece ser muito abrangente pensar que uma pessoa esteja totalmente empenhada em função da liberdade do outro. Todavia, isso acontece com Agostinho Neto, pois a liberdade do outro é, também, a sua liberdade.

O ideal de Agostinho Neto é reestruturar a ordem vigente imposta pelo opressor por meio da conquista da liberdade nacional. Ao agir dessa forma, ele cumpre, segundo afirmam Ferreira e Moraes, o que “cabe ao homem, diante da situação opressora, lutar contra essa condição” (FERREIRA e MORAIS, 2013, p. 8).

Agostinho Neto busca em diferentes segmentos de sua vida – enquanto político, poeta, intelectual e homem do povo – lutar contra a condição social vigente, ou seja, a exploração do colonizador para com o colonizado.

Segundo Figurelli (1987, p. 89) o escritor por estar contextualizado num determinado momento deve tratar sobre tal momento “não importa se a época é boa ou má. Importa que o escritor não perca a oportunidade - ‘*sa chance unique*’ – de combater apaixonadamente pela sua época” (FIGURELLI, 1987, p. 89). A escrita de Agostinho Neto cumpre tal propósito, pois aproveita a chance única e compromete com o despertar da nação angolana.

Tendo em vista o comprometimento de Agostinho Neto, por meio de sua escrita engajada, nos vem o questionamento de qual seria o papel do escritor engajado em uma sociedade, haja vista que ele irá lidar diretamente, por meio da sua obra, com o leitor. Sartre pondera que a função do escritor engajado é “disseminar dúvidas, expectativas e incompletude, forçando o leitor a fazer suas próprias conjecturas” (SARTRE, 2004, p. 166).

Consoante a perspectiva apresentada, Ribeiro (2009, p. 4) afirma que o engajamento do escritor concretiza no desvelamento da realidade, isso a fim de despertar no leitor a consciência crítica e, conseqüentemente, promover uma mudança social.

A palavra engajada é compreendida como uma arma. Isso nos faz crer que Agostinho Neto não enfrenta o colonizador somente como líder político do ***Movimento Popular de Libertação de Angola*** (MPLA). Além disso, não lutou na Guerra Civil Angolana, apenas, como político, intelectual e militante, mas também como poeta ao escrever textos literários engajados, fazendo-os instrumentos, arma de luta.


Isso é possível observar no seguinte poema "Adeus a hora da largada" de sua obra intitulada “Sagrada Esperança”:

Minha Mãe
(todas as mães negras
cujos filhos partiram)
tu me ensinastes a espera
como esperaste nas horas difíceis

Mas a vida
matou em mim essa mística esperança

Eu já não espero
sou aquele por quem espera

Sou eu minha Mãe



a esperança somos nós
os teus filhos
partidos para uma fé que alimenta a vida


Hoje
somos as crianças nuas das sanzalas do mato
os garotos sem escola a jogar a bola de trapos
nos areais ao meio-dia
somos nós mesmos
os contratados a queimar vidas nos cafezais
os homens negros ignorantes
que devem respeitar o homem branco
e temer o rico
somos os teus filhos
dos bairros de pretos
além aonde não chega a luz elétrica
os homens bêbados a cair
abandonados ao ritmo dum batuque de morte
teus filhos
com fome
com sede
com vergonha de te chamarmos Mãe
com medo de atravessar as ruas
com medo dos homens
nós mesmos

Amanhã
entoaremos hinos à liberdade
quando comemorarmos
a data da abolição desta escravatura

Nós vamos em busca de luz
os teus filhos Mãe
(todas as mães negras
cujos filhos partiram
Vão em busca de vida (AGOSTINHO NETO, 1985, p. 9 – 10).

Agostinho Neto, por meio do poema “Adeus a hora da largada”, buscou estabelecer um diálogo com o povo angolano, utilizando o termo “Mãe” para representar África. Ao estabelecer uma conversa com a “Mãe”, logo, o poeta estabelece uma conversa com seu país, apontando alguns efeitos da colonização.

Observamos marcas no poema que nos faz crer que o poeta oportuniza por meio de sua escrita o povo falar, na quarta estrofe do poema, no primeiro verso temos “sou eu minha Mãe” e, depois, na quinta estrofe, no primeiro e segundo verso temos “Hoje/somos [...]”. Percebemos que a conjugação do verbo “ser” é alterada ao longo do poema. No primeiro exemplo temos a primeira pessoa do singular “sou”, já no segundo temos o verbo na primeira pessoa do plural, “somos”, demonstrando, assim, que o poeta



partilha com o seu semelhante o mesmo sentimento. Isso se confirma na última estrofe do poema quando lemos: “Nós vamos em busca de luz/os teus filhos Mãe”.


Kandjimbo (2012) citado por Silva (2014, p. 23) dialoga com a perspectiva de que a escrita de Agostinho Neto se estrutura em prol do outro, do povo africano, afirmando que:

Uma leitura global da obra de Agostinho Neto, compreendendo a poesia e os textos de carácter ensaístico sobre os quais discorremos rapidamente e que ainda se encontram dispersos por várias publicações, há-de propiciar a oportunidade de perscrutar os arcanos da personalidade de um homem de letras e de um intelectual. O homem de letras é o poeta da "Sagrada Esperança" e da "Renúncia Impossível". *O intelectual é o sujeito que enuncia o discurso que o coloca ao lado dos pobres, dos fracos, dos humilhados de todo o mundo, universalizando a trágica condição do Homem Africano durante séculos* (KANDJIMBO, 2012, p.13) (grifos nossos).

Observarmos, de acordo com o exposto por Kandjimbo, que Agostinho Neto coloca-se, por meio de seu discurso/poemas, lado a lado com as pessoas que vivem à margem da sociedade, ou seja, o homem africano que carrega consigo o estigma de subjugação, imposta pelo colonizador. Memmi (1967, p. 67) afirma que há a desvalorização do colonizado pelo colonizador em todos os aspectos, segundo ele: “a desvalorização do colonizado estende-se, assim, a tudo aquilo que o toca. Ao seu país, que é feio, quente demais [...] a geografia tão desesperada que o condena ao desprezo (Sic), à dependência até a eternidade” (MEMMI, 1967, p. 27). A escrita de Agostinho Neto volta-se para o desprezado, para o povo angolano que carrega esse estigma graças a empreita de ocupação colonialista e sua política desumana.

Agostinho Neto empresta sua voz ao povo angolano. É válido mencionar que apesar do poeta ter tido oportunidade de sair de África e ir até a terra do colonizador com o intuito de estudar, o que acontecia com uma pequena parte da população africana, isso não faz com que ele esquecesse das injustiças impostas ao seu povo, ao contrário, quando ele está na terra do colonizador ascende uma chama ainda mais intensa, demonstrando a preocupação com o seu povo. O

A palavra, neste contexto, se mostra como um dispositivo poderoso, pois é por meio dela se trava uma luta contra o colonizador. Há o que podemos definir como um diálogo entre as ações de Agostinho Neto como militante pela independência de



Angola e os textos poéticos por ele produzidos, ao mesmo tempo em que ele combate por meio de ações, foi guerrilheiro e lutou com armas em prol da independência de Angola, ele utiliza seus textos para combater o colonizador e expõe as marcas e as chagas deixadas por este, conforme afirma Silva, “há em seus poemas a incessante busca de denunciar os sofrimentos causados pela colonização portuguesa e exaltar a identidade africana” (SILVA, 2013, p. 03).

O autor é visto como um mediador entre o povo e a liberdade e faz isso por meio da palavra, visando mudar a realidade social vigente não só por meio de suas ações enquanto homem e político, mas também enquanto poeta.

Conforme mencionado em outros momentos do trabalho, as diferentes vertentes da vida de Agostinho Neto convergem num único objetivo: a liberdade nacional. Ver seu povo livre é seu ideal. Sua escrita visa realizar um diálogo com os angolanos, a fim de despertá-los para ir à luta em busca da libertação.

Referências bibliográficas

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Lucília Paula de Azevedo; MORAIS, Maria Perla Araújo. *Literatura e engajamento nas poesias portuguesas*. Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013

FIGURELLI, Roberto. *Sartre e a literatura engajada*. Letras. Curitiba (30) 89-111 - 1987 – UFPR.


GUIMARÃES, Frederico Moreira. *Literatura e engajamento em Sartre: um estudo de Quem é a literatura?* Dissertação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2010.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1967.

NETO, Agostinho. *Sagrada Esperança, Renúncia impossível e Amanhecer*. Luanda: 2009: UEA.

SARTRE, Jean-Paul. *O que é literatura?* 3ª Edição. São Paulo: Ática, 2004.

SILVA, Antonio de Pádua de Souza e. *Pequena abordagem da poética de Agostinho Neto*. Ponta de Lança, São Cristóvão, v.6, n. 11 out. 2012- abr 2013.



SILVA, Antonio de Pádua de Souza e. *A poesia da Mensagem angolana e a mensagem da poesia afro-brasileira*. Tese de doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino, orientada pelo Professor Doutor José Luís Pires Laranjeira, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2014.